

## ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA

**Laís Monteiro<sup>1</sup>**  
**Pollyana Brandão Gomes<sup>2</sup>**

[Polly.matipo@gmail.com](mailto:Polly.matipo@gmail.com)

**ÁREA DO CONHECIMENTO:** Ciências Humanas

### RESUMO

O presente estudo buscou analisar as consequências do abuso sexual infantil. O objetivo desse artigo foi discorrer sobre o abuso sexual infantil, o quanto pode prejudicar a saúde física e psíquica da vítima. O abuso sexual infantil provoca um trauma na vida da criança, acarretando distúrbios e efeitos patogênicos persistentes na organização psíquica. O estudo tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com análise descritiva. Utilizou-se como método o estudo de caso de uma mulher de 19 anos que foi abusada sexualmente na infância, e é atendida em uma Clínica Escola de Psicologia que está inserida em uma cidade de pequeno porte, localizada na zona da mata mineira. O abuso sexual infantil é evidenciado por aquelas ações entre uma criança e um adulto ou outra criança que, devido à idade ou desenvolvimento, está em uma relação de responsabilidade, confiança ou autoridade. Estudos apontam para a presença de múltiplos sintomas clínicos associados ao abuso sexual infantil, incluindo sequelas emocionais, comportamentais, cognitivas e sociais. Comportamento sexual inadequado, baixa autoestima, sentimento de impotência, ódio e medo, relacionamentos destrutivos, tendências suicidas, isolamento, fuga de casa, dificuldade em confiar nos outros e construir relacionamentos foram descritos como principais consequências.

**PALAVRAS-CHAVE:** violência, vítima, abuso.

### INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno conhecido desde a antiguidade, cuja complexidade dinâmica deriva da vida social. É considerado um fenômeno social que, principalmente nos últimos trinta anos, ganhou maior visibilidade social, sendo objeto de reflexão por

---

<sup>1</sup> Aluna do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Vértice.

<sup>2</sup> Psicóloga, Mestre em Políticas Públicas e professora do Centro Universitário Vértice.

parte do poder público e fonte de estudos científicos nos campos da Psicologia e Ciências Sociais (NEVES *et al*,2010).

Compreender a violência envolve sua análise histórica na interface de questões sociais, morais, econômicas, psicológicas e institucionais em geral. A violência é uma violação do direito à liberdade, o direito de ser sujeito da própria história. A violência seria, então, qualquer forma de opressão, maus-tratos e agressões, tanto físicas quanto emocionais, que contribuem para o sofrimento de uma pessoa (NEVES *et al*,2010).

A questão da violência não apareceu como problema de saúde até a década de 1980. Anteriormente, os profissionais de saúde não tinham educação e treinamento para reconhecer a violência contra crianças e jovens. Com o Estatuto da criança e do adolescente (ECA) de 1990, o reconhecimento do problema tornou-se mais evidente e a notificação da violência contra crianças e/ou adolescentes pelos trabalhadores da saúde e da educação tornou-se obrigatória (NEVES *et al*,2010).

As denúncias de assédio sexual são crescentes no Brasil e, com isso, aumenta também a demanda por profissionais que atuam na área de psicologia e psicanálise, seja avaliação, tratamento ou apoio de equipes de apoio voltadas para isso. Ao mesmo tempo, aumenta o interesse pelo abuso sexual, seja em nível jurídico, acadêmico ou sociocultural (BRANDÃO; RAMOS,2010).

O conceito de trauma refere-se a um evento na vida do sujeito caracterizado por sua intensidade, a incapacidade do sujeito de responder adequadamente a ele, e os distúrbios resultantes e efeitos patogênicos persistentes na organização psíquica. Economicamente, o trauma é caracterizado por um influxo excessivo de excitações em comparação com a tolerância e a capacidade do sujeito de controlar psicologicamente e desenvolver tais excitações (CALVI,1999).

O abuso sexual infantil é a participação de uma criança em uma atividade sexual que ela não entende completamente, na qual não pode consentir ou na qual a criança não está pronta ou apta a consentir dependendo de seu desenvolvimento, ou que viole as leis ou tabus da sociedade. O abuso sexual infantil é evidenciado por aquelas ações entre uma criança e um adulto ou outra criança que, devido à idade ou

desenvolvimento, está em uma relação de responsabilidade, confiança ou autoridade (NEVES *et al*,2010).

Atualmente, observamos em diversas abordagens que a criança vem sendo tomada como um ser incapaz e sem discernimento, sobretudo frente ao abusador. O adulto, indivíduo maduro sexualmente, portanto hábil para distinguir as consequências de seus atos, diante desta imaturidade da criança, a toma como um objeto capaz de satisfazer seus desejos.

O abuso sexual não é muito visível porque geralmente é feito por alguém próximo de quem a criança confia. Segundo o UNICEF, os maiores perpetradores da violência são os homens, principalmente pais, padrinhos, avós, irmãos, tios, e o ambiente onde mais ocorre o abuso é o ambiente doméstico. Essa ligação familiar contribui para que a informação seja tão pouco clara porque quem ataca é quem a criança ama. Portanto, não é nada fácil denunciar abuso sexual na família (NEVES *et al*,2010).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), toda criança tem direito à saúde e a uma vida livre de violência. Abuso sexual infantil (ASI) é quando uma criança é submetida a atividade sexual que ela não entende, não pode consentir e/ou viola leis ou regras sociais (PLATT *et al*, 2018).

O objetivo desse artigo foi discorrer sobre o abuso sexual infantil, o quanto pode prejudicar a saúde física e psíquica da vítima. Com o Estatuto da criança e do adolescente, o reconhecimento do problema tornou-se mais evidente e a notificação da violência tornou-se obrigatória pelos trabalhadores da saúde e educação. O abuso sexual infantil provoca um trauma na vida da criança, acarretando distúrbios e efeitos patogênicos persistentes na organização psíquica.

Trabalhos como estes são importantes por trazer informação sobre a violência sexual infantil, a importância de profissionais da área de saúde entenderem sobre o assunto e denunciarem quando necessário, sabendo que o abuso sexual pode ser praticado por homens próximos as crianças, dentro do ambiente doméstico.

## **METODOLOGIA**

Este estudo trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com análise descritiva. A pesquisa qualitativa é feita com base em dados descritivos havendo um contato do pesquisador com o objeto, com a situação pesquisada. Neste tipo de pesquisa o pesquisador procura compreender o fenômeno de acordo com a perspectiva do participante e da situação para assim realizar sua interpretação. Seu foco de interesse é amplo e indutivo (NEVES, 1996).

É um método que visa analisar e interpretar de forma profunda as particularidades do objeto a ser estudado, detalhando a complexidade. Pode investigar o comportamento humano, hábitos, atitudes, crenças, valores, representações sociais, o conjunto de atitudes do comportamento, nas relações sociais e econômicas que rodeiam o sujeito (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

A análise descritiva, por sua vez, organiza, resume e descreve as vertentes importantes das características da coleta de dados e descreve, minuciosamente, experiências, processos, situações e fenômenos (REIS, 2002). Por essa perspectiva acredita-se que o fenômeno será mais bem compreendido, considerando-se o contexto do qual ele faz parte, e analisando todos os aspectos de forma integrada. Portanto, o pesquisador vai a campo, coleta todas as informações que julga relevantes e analisa a dinâmica do fenômeno estudado (GODOY, 1995).

Utiliza-se como método o estudo de caso de uma mulher de 19 anos que foi abusada sexualmente na infância, e é atendida em uma Clínica Escola de Psicologia que está inserida em uma cidade de pequeno porte, localizada na zona da mata mineira, voltada para práticas agrícolas e de acordo com a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2017 possui 16.173 habitantes (IBGE, 2017). Entendendo que o estudo de caso visa uma análise detalhada do ambiente, do indivíduo, da situação, proporcionando a vivência da realidade por meio da discussão e análise da coleta de dados, este método é altamente indicado, pois permite que a coleta de dados seja abrangente, abordando os diferentes momentos, e as diversas informações disponibilizadas. Foi utilizado, além da coleta formal, observação e análise documental dos prontuários (GODOY, 1995).

## **RESULTADO E DISCUSSÃO**

O estudo de caso se refere a uma mulher de 19 anos, que iniciou atendimento no Serviço de Psicologia Aplicada de um Centro Universitário no interior de Minas Gerais. A paciente passou por dezenove sessões durante o período de 16 de maio de 2022 a 25 de outubro de 2022. Foi atendida por uma estagiária do último período através da abordagem psicanalítica.

Durante a ou as sessões Eduarda relatou que foi abusada sexualmente pelo pai dos 8 aos 12 anos de idade. Quando começou a perceber que estava sendo abusada, resolveu contar para a irmã, que era uma pessoa em quem confiava, a irmã que conseguiu contar para a mãe e ela não apoiou a filha, disse diversas vezes que a menina era a culpada e que estava acabando com sua vida e da sua família, mãe ficou ao lado do pai durante todo o processo e até mesmo durante as audiências. Antes do ocorrido, mãe tinha outra relação com a filha, era carinhosa, participativa em atividades escolares, passeava com ela, dentre diversas coisas.

As consequências ou gravidade dos efeitos do abuso sexual variam de acordo com certas condições ou predeterminações para cada indivíduo, incluindo: a idade da criança quando a violência começou; a duração e o número de abusos; o nível de violência usado no momento do incidente; diferença de idade entre agressor e a vítima; se existe alguma forma de ligação entre agressor e vítima; monitoramento de ameaças (violência psicológica) caso o abuso seja revelado (FLORENTINO,2015).

Em uma das sessões a paciente falou que passou por uma adolescência muito conturbada, foi diagnosticada com depressão e neste período que vieram à tona os sintomas do abuso. Aos 12 anos de idade, paciente começou a frequentar o CREAS, participava de algumas oficinas e fez acompanhamento psicológico durante 2 anos, relatou que faltava muito as sessões e não conseguiu se adaptar ao tratamento.

O abuso sexual infantil é evidenciado por aquelas ações entre uma criança e um adulto ou outra criança que, devido à idade ou desenvolvimento, está em uma relação de responsabilidade, confiança ou autoridade. Os sintomas afetam todas as áreas de atividade e podem encarnar simbolicamente o sofrimento que uma criança ou adolescente sofre tanto no nível físico quanto no comportamental. Ao vivenciarem uma invasão do próprio corpo, independentemente da idade, respondem de forma física, pois novas sensações são despertadas e não podem ser integradas. A maioria

dos pesquisadores concorda que o abuso sexual infantil contribui para o surgimento de doenças mentais graves e prejudica a evolução psicológica, emocional e social das vítimas. Os efeitos do abuso infantil podem se manifestar de várias maneiras em qualquer idade da vida (FLORENTINO,2015).

Em relatos durante os atendimentos a Ppaciente relatou que sente medo do futuro, de não conseguir fazer uma graduação e não viver uma vida estável. Disse que nunca se sente suficiente, tudo que realiza ainda está pouco, tem sensação de que está fazendo tudo errado. Dorme muito ou em alguns momentos tem dificuldade em dormir, fica pensando muito nos acontecimentos passados, principalmente na questão do abuso. Em alguns momentos se sente desanimada, sem vontade de realizar atividades, vontade de desistir de tudo e culpa pelo que aconteceu.

Estudos apontam para a presença de múltiplos sintomas clínicos associados ao abuso sexual infantil, incluindo sequelas emocionais, comportamentais, cognitivas e sociais. Comportamento sexual inadequado, baixa autoestima, sentimento de impotência, ódio e medo, relacionamentos destrutivos, tendências suicidas, isolamento, fuga de casa, dificuldade em confiar nos outros e construir relacionamentos foram descritos como principais consequências (BORGES; DELLAGLIO, 2008).

Crianças com mais sintomas apresentaram agressores mais próximos, maior frequência e maior duração do abuso, uso de força e abuso penetrativo. A presença de sigilo foi um fator de risco para crianças vítimas de abuso sexual infantil desenvolverem depressão e ansiedade, e proximidade com o agressor, duração e gravidade do abuso sexual foram positivamente associadas a mais sentimentos culpa (BORGES; DELLAGLIO, 2008).Em uma das sessões a paciente trouxe o questionamento de que se o abuso não tivesse acontecido, como estaria, como seria sua vida e o porquê disso ter acontecido com ela. Perto do Dia dos Pais não estava se sentindo bem, sente a falta da figura de um pai, antes do período de abuso começar, pai cumpria bem seu papel, era participativo na vida dos filhos, carinhoso, brincalhão. Paciente relatou que depois do acontecimento, a família desestruturou.

O atendimento psicológico de crianças vítimas de abuso sexual é de extrema importância, e vai de acordo com as necessidades de cada criança. Não é possível

generalizar os efeitos do abuso sexual para todas as crianças, pois a gravidade e a quantidade das consequências dependem da singularidade da experiência de cada vítima (COGO *et al.*, 2011).

Com o passar das sessões foi trabalhado com a paciente os sentimentos em relação ao pai, técnicas expositivas, identificação dos sentimentos. Em relação ao sentimento de culpa pelo que aconteceu, foi falado para a paciente a idade que ela tinha quando tudo aconteceu, que ela era uma criança vulnerável, não tinha como se defender e não tem que sentir culpa por ser a vítima, e que não é errado sentir falta do pai.

O acolhimento da vítima e de sua dor é o primeiro passo para um bom resultado do tratamento físico e emocional que serão necessários. A escuta de sua história, livre de preconceitos, sem interrupções ou solicitações de detalhamentos desnecessários para a condução do caso, vai demonstrar respeito a quem foi desrespeitado no que tem de mais precioso, que é seu corpo, sua imagem e seu amor-próprio. Além disso, suas consequências podem estar ainda latentes e talvez se manifestem posteriormente, frente à resolução de uma crise evolutiva ou situacional e frente ao estresse (COGO *et al.*, 2011).

Nas últimas sessões paciente não trouxe mais relatos sobre o abuso, relatou melhora em seu humor, tem se sentido com mais ânimo para realizar atividades, melhor concentração nos estudos, conseguindo prestar mais atenção nos estudos e dormido bem.

Os casos mais comuns de violência sexual até a adolescência são decorrentes do incesto, ou seja, quando o agressor tem ou mantém algum grau de parentesco com a vítima, o dano psicológico é muito maior do que se fosse um estranho. Esta é uma forma de violência doméstica que muitas vezes ocorre de forma repetitiva, insidiosa, onde a criança inicialmente desconhece o abuso do adulto em um ambiente de relacionamento favorável, o que a coloca na posição de provocadora e participante, levando-a a acreditar que ela é culpada pelo abuso (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005).

O abusador aproveita sua relação de confiança com a criança ou adolescente e seu poder como responsável se aproximando, para realizar o que a vítima inicialmente percebe como expressão de amor e interesse. Essa abordagem foi

inicialmente satisfatória para as crianças, que sentiram que a atenção do cuidador era um privilégio (PFEIFFER; SALVAGNI,2005).

Em alguns casos, quando o incesto é revelado, a mãe reage com ciúmes, age como rival e começa a culpar a filha pelo ocorrido. Para justificar essa prática, é difícil para a mãe admitir o incesto, pois isso reconheceria seu fracasso como mãe e esposa, enquanto o agressor usa todos os meios para se calar e encobrir seus atos. Assim, pode-se concluir que o abuso sexual faz parte de uma série de rupturas de relacionamento que, nas estruturas familiares patológicas, advêm da história de vida de cada membro da família, incluindo o agressor. Por causa da desvalorização da infância e adolescência e do papel da mulher, essa história pode ditar a permissibilidade de tal comportamento, na maioria dos casos permanecendo cego e coletivamente surdo ao apelo (muitas vezes silencioso) da vítima (PFEIFFER; SALVAGNI,2005).

Para a analista, o impacto da violência contra a menina (seu corpo usado para satisfação sexual adulta) em sua subjetividade como mulher vai mobilizar sua representação da sexualidade feminina (CALVI,1999).

No abuso sexual a sexualidade está a serviço de necessidades não sexuais: O outro é destituído do seu lugar de ser desejante e forçado a ser objeto de um jogo perverso. É inegável que esta violência deixa marcas profundas no psiquismo das vítimas, o que se agrava pela conotação sensacionalista que é dada aos casos. As experiências sexuais prematuras não só têm um efeito devastador na psique de uma criança, mas têm um efeito profundo em toda a família da criança, que enfrenta julgamentos, interrogatórios, indagações e é forçada a enfrentar uma realidade da qual preferiria não ter conhecimento (AZEVEDO,2001).

O trabalho da análise, em ambos os casos, permitirá uma simbolização e rememoração da violência sofrida e no caso específico do incesto o restabelecimento de mecanismos identificatórios transferenciais, permitindo uma nova construção psíquica (AZEVEDO,2001).

Cabe ao analista a sensibilidade de perceber as nuances delicadas deste tipo de caso, fazendo com que a pessoa que busca uma ajuda terapêutica perceba que ela é vítima e não culpada (mesmo que julgue que, por algum motivo, provocou a

situação) e que ela pode encontrar novos caminhos. As marcas certamente ficarão, mas sua vida não se paralisará por conta do trauma sofrido se ela puder, durante seu percurso terapêutico, reconstruir sua imagem corporal e traçar suas saídas sublimatórias (AVEZEDO,2001).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo discorrer sobre o abuso sexual infantil, o quanto pode prejudicar a saúde física e psíquica da vítima. Com o Estatuto da criança e do adolescente, o reconhecimento do problema tornou-se mais evidente e a notificação da violência tornou-se obrigatória pelos trabalhadores da saúde e educação. O abuso sexual infantil provoca um trauma na vida da criança, acarretando distúrbios e efeitos patogênicos persistentes na organização psíquica.

O estudo tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com análise descritiva. A pesquisa qualitativa é feita com base em dados descritivos havendo um contato do pesquisador com o objeto, com a situação pesquisada. Utilizou-se como método o estudo de caso de uma mulher de 19 anos que foi abusada sexualmente na infância, e é atendida em uma Clínica Escola de Psicologia que está inserida em uma cidade de pequeno porte, localizada na zona da mata mineira.

O abuso sexual infantil é evidenciado por aquelas ações entre uma criança e um adulto ou outra criança que, devido à idade ou desenvolvimento, está em uma relação de responsabilidade, confiança ou autoridade. A maioria dos casos de abuso sexual de crianças e adolescentes são cometidos por pessoas diretamente relacionadas à vítima sobre as quais exercem alguma forma de poder ou dependência.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Elaine. Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. **Psicol.cienc**, [S. l.], p. 1-12, 5 dez. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jpcp/a/zN57XFHxwPLnjZXYwqSCLJN/?lang=pt#>. Acesso em: 9 set. 2022.

BRANDÃO JUNIOR, Pedro Moacyr Chagas e RAMOS, Patrício Lemos. Abuso sexual: do que se trata? Contribuições da psicanálise à escuta do sujeito. **Psicologia Clínica** [online]. 2010, v. 22, n. 1 [Acessado 17 outubro 2022] , pp. 71-84. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-56652010000100005>>. Epub 03 Set 2010. ISSN 1980-5438. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652010000100005>.

BORGES, Jeane Lessinger; DELLAGLIO, Débora Dalbosco. Abuso sexual infantil: indicadores de risco e consequências no desenvolvimento de crianças. **Interam. j. psychol.**, Porto Alegre , v. 42, n. 3, p. 528-536, dez. 2008 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-96902008000300013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000300013&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 08 nov. 2022.

CALVI, Bettina. A problemática do abuso sexual infantil em psicanálise: o silêncio das mulheres. **Estilos clín.**, São Paulo , v. 4, n. 6, p. 64-71, jul. 1999 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71281999000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71281999000100006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 22 set. 2022.

COGO, Karine *et al.* Consequências psicológicas do abuso sexual infantil. **ACHS**, Joaçaba, v. 2, n. 2, p. 130-139, 14 jul. 2011. Disponível em: <https://files.core.ac.uk/pdf/12703/235124693.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2022.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCggnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 de set. 2022.

**IBGE**. Panorama das cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg>. Acesso em 10 de setembro de 2021.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérghamo. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Fractal : Revista de Psicologia** [online]. 2015, v. 27, n. 2 [Acessado 7 novembro 2022] , pp. 139-144. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1984-0292/805>>. ISSN 1984-0292. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/805>.

MALGARIM, Bibiana Godoi; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. O abuso sexual no contexto psicanalítico: das fantasias edípicas do incesto. **Aletheia**, Canoas , n. 33, p. 123-137, dez. 2010 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942010000300011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000300011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 20 set. 2022.

NEVES, Anamaria Silva *et al.* Abuso sexual contra a criança e ao adolescente: reflexões interdisciplinares. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 18, n. 1, p. 99-111, 2010 . Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2010000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 21 set. 2022.

NEVES, José Luís. Pesquisa qualitativa: Características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996. Disponível em: [https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa\\_Qualitativa.pdf](https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf). Acesso em 18 set. 2022.

PFEIFFER, Luci; SALVAGNI, Eliza. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria**, [S. l.], p. 1-8, 8 set. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/xSpbpyzxKKqQWDBm3Nr6H6s/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 7 set. 2022.

PLATT, Vanessa Borges et al. Violência sexual contra crianças: autores, vítimas e consequências. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2018, v. 23, n. 4 [Acessado 22 setembro 2022] , pp. 1019-1031. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232018234.11362016>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018234.11362016>.

OLIVEIRA, Nilton Marques; STRASSBURG, Udo; PIFFER, Moacir. Técnicas De Pesquisa Qualitativa: uma abordagem conceitual. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista - UNIOESTE/MCR**, v.17, n. 32, 1º sem.2017, p. 87-110. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/2611/1/Artigo%20de%20Peri%20c3%20b3dic%20o%20%20Tecnicas%20de%20pesquisa%20qualitativa%20uma%20abordagem%20conceitual.pdf>. Acesso em 18 set. 2022.